

Entrevista com Dona Eva do PDS Porto Seguro: relatos de uma experiência de resistência agroecológica

Interview with Dona Eva from PDS Porto Seguro: reports of an agroecological resistance experience

Ronnielle de Azevedo-Lopes

Doutor em Educação

Professor de Filosofia e Epistemologia do

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

ronnielle.azevedo@ifpa.edu.br

Suellen dos Santos Batista

Estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

suellensantosbatista12@gmail.com

RESUMO: Dona Eva é uma grande referência de luta e produção sustentável no PDS Porto Seguro. Neste ano em que o PDS Porto Seguro faz 20 anos de história e resistência, essa entrevista com dona Eva significa, entre outras coisas, a afirmação dos princípios e valores agroecológicos assumidos pelas famílias camponesas desse PDS.

Palavras-chave: Agroecologia. PDS Porto Seguro. Sistemas Agroflorestais.

ABSTRACT: *Dona Eva is a great reference for struggle and sustainable production at PDS Porto Seguro. In this year in which PDS Porto Seguro celebrates 20 years of history and resistance, this interview with Dona Eva means, among other things, the affirmation of the agroecological principles and values assumed by the peasant families of this PDS.*

Keywords: *Agroecology. Agroforestry Systems. PDS Porto Seguro.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Maria Eva Martins, conhecida como dona Eva, é uma mulher negra, mãe, avó, camponesa, agroecologista, feirante, batalhadora e resiliente que vive e produz de forma sustentável no Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS¹) Porto Seguro em Marabá-PA. Dona Eva é uma das primeiras moradoras do PDS Porto Seguro, em suas memórias e vivências agrega e transmite sabedoria, resistência e liderança; como sempre ressalta, em interlocuções com estudantes e pesquisadores/as que visitam o seu sítio, “estou aqui desde o começo e aqui é meu lugar”. Dona Eva é uma amiga e parceira de instituições como a UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) e o CRMB (*Campus Rural de Marabá*) do IFPA (Instituto Federal do Pará), sempre contribuindo com diálogos, partilha de conhecimento e participando das feiras e eventos destes espaços. Neste ano em que o PDS Porto Seguro fará 20 anos de luta e resistência, vislumbramos essa entrevista com dona Eva como demasiadamente significativa, porquanto sua história de vida se entrelaça com a terra que, agroecologicamente, ocupa e produz. Cabe ressaltar que, o PDS Porto Seguro foi instaurado pela Portaria de Criação nº 26 de 14 de outubro de 2016 do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e está localizado no km 14 da BR 155, região de Marabá-PA, na área da antiga Fazenda Balão II. O PDS Porto Seguro foi a primeira experiência desta modalidade de assentamento realizada pelo INCRA (SR-27) em Marabá-PA e tem entre seus princípios a sustentabilidade ambiental, a conservação da floresta e a manutenção da biodiversidade. Hodiernamente, dona Eva é um dos grandes símbolos destes princípios e performatiza valores e atitudes da agroecologia, como o cultivo da agrobiodiversidade por meio da agricultura camponesa familiar e partilha de etnoconhecimentos. Entrevistá-la implica em potencializar esses princípios e atitudes.

ENTREVISTA

A senhora é conhecida no PDS Porto Seguro e na região como dona Eva. Mas qual o nome completo da senhora? Qual a idade da senhora? E colocando algumas questões pessoais para que os nossos leitores lhe conheçam melhor: a senhora é casada? Tem filhos e netos? Todos moram no PDS? Qual a renda da família?

Maria Eva Martins: Esse ano (2024) vou fazer 59 anos. Sou casada, mas no papel estou como divorciada; tenho cinco filhos e seis netos. Nem todos moram no PDS, só um filho com uma neta e uma nora. A renda da família é um salário mínimo, mas com as

¹ Um Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) é implica em um projeto de assentamento (PA) não convencional que, ao lado de Projetos Agroextrativistas (PAE) ou Agroflorestais (PE), é discriminado como uma forma de *assentamento ambientalmente diferenciado*. Enquanto modalidade normativa de assentamento, a categoria Projeto de Desenvolvimento Sustentável foi criado pela Portaria nº 477 de 1999 do INCRA e regulamentada pela Portaria nº 1.032 de 25 de outubro de 2000 também do INCRA se destinando a populações que realizam atividades produtivas apontadas como de *baixo impacto ambiental*. A Superintendência Regional 27 (SR-27) do INCRA no Pará possuem dois Projetos de Desenvolvimento Sustentáveis: o PDS João Canuto II, na cidade de Xinguara-PA, e o PDS Porto Seguro, em Marabá-PA.

produções do lote pode ser um pouquinho mais.

A senhora é originária de onde?

Maria Eva Martins: Nasci em Goiás, que hoje é Tocantins, no Município de Sítio Novo.

Há quanto tempo está assentada no PDS Porto Seguro? E como é viver em um local que é um Projeto de Desenvolvimento Sustentável?

Maria Eva Martins: Estou morando no P.D.S Porto Seguro há 20 anos. É muito gratificante. Mesmo com as dificuldades é gratificante viver na natureza, sentir esse ar puro, ver essa floresta linda, viver na simplicidade e viver bem em um local que eu sinto que estou realmente em casa.

Fale sobre a trajetória de vida da senhora? Como a senhora chegou aqui no PDS Porto Seguro?

Maria Eva Martins: Vim do Tocantins passei por Maranhão. Morei no “trecho”: sete anos no Maranhão, logo após fui para Tailândia (Pará), depois disso descemos para o 95 [Km] da Transamazônica (BR-230). Moramos três anos no lote do meu tio. Depois disso, conseguíamos uma terra no mesmo lugar e lá se chamava *Espanta Moleque*, porque se o homem não fosse duro ia embora de lá; o meu pai venceu essa guerra e nós ficamos na localidade. Depois veio a Barragem que foi mais forte que o meu pai e tomou nossa terra que era 19 alqueire e ficamos com apenas 3 alqueire. Tivemos que viver dividindo esse espaço com muriçoca, cobra e com tudo que tinha lá². Largamos lá e vimos para Marabá e aqui eu fiquei, depois vim lutar por essa terra que estou agora. No dia 4 de maio de 2004 eu fui para o INCRA e entrei nesse movimento. E quando foi no dia 20 de junho nós saímos de Marabá-PA para dentro da terra. Ficamos na beira do rio³ na terra do Diamantino (Fazendeiro) e quando foi no outro dia fizemos o limpo e foi feito o barracão dentro dessa terra; de lá pra cá teve três despejo. Nós se escondeu⁴ uma vez dentro do mato e depois de três anos partimos as terras e foi sorteados os lotes e entramos para dentro da terra e estamos aqui até hoje.

Como a senhora pode descrever a história do PDS Porto Seguro? Conte a história de como começou tudo isso e como foi a experiência dessa grande conquista?

Maria Eva Martins: Foi engraçado porque assim eu tinha muita vontade de conquistar

² Dona Eva se refere aqui à formação do Lago da UHE de Tucuruí-PA que impactou, no começo da década de 1980, diretamente uma grande faixa de terra, suprimindo pequenas propriedades e territórios indígenas. Com a magnitude do impacto ambiental, os animais se abrigaram nas terras mais altas e secas que encontravam; em geral, no mesmo espaço de uso dos pequenos agricultores.

³ Dona Eva refere-se aqui ao Rio Taurizinho (ou Tauari), afluente do Rio Tocantins.

⁴ Por deliberação metodológica e etnográfica, mantemos as falas da dona Eva nos termos em que foram expressadas, sem nenhuma “maquiagem” gramatical. Concebemos que não há hierarquização entre as falas dos pesquisadores e da entrevistada. Há somente processos tradutórios a serem, *a posteriori*, suplementados no ato enunciativo do leitor interpretador. Compreendemos que, no processo etnográfico, qualquer normatização prévia ou adequação à língua oficial é um ato interpretativo colonizador e, portanto, linguisticamente, violento.

uma terra, eu ia direto no INCRA para tentar conseguir essa terra. Quando foi um dia eu cheguei do INCRA desanimada, porque o rapaz disse você “tem vontade de ter uma terra, né?”. Respondi que tinha e ele me falou que eu teria que me juntar em um Movimento Social, logo perguntei “O que era esse movimento social?” O rapaz me falou que era esse povo que se juntava na beira da estrada, os *Sem Terra*. Falei para o homem que só tinha uma casa e que se batesse na parede podia cair, mas se alguém querer entrar nela eu me zango. “Como é que eu vou invadir a terra dos outros para mim ter uma terra?” Aí o homem me explicou que essa terra era do governo e que os fazendeiros tomaram de conta. Eles (os fazendeiros) fazem um registro grilado e dizem que a terra é deles. Perguntei: o que eu tinha que fazer? Ele falou “se aglomera com essas pessoas que fica na beira da estrada”. Falei pra ele que se for pra mim ter uma terra e tiver que virar *Sem Terra*⁵, onde é que eu faço a carteira de *Sem Terra*? O que esse homem queria era se livrar de mim. Cheguei em casa desanimada com tudo isso, depois disso veio um cara falando que ia ter uma reunião para entrar nessa terra e que seria lá no Mastigado da Jumenta⁶, eu não sabia o que era e sair perguntando para as pessoas que passava na rua, até que achei esse lugar, cheguei lá e participei dessa reunião e foi aí que tudo começou. Quando a gente entrou a dificuldade foi grande, eu e os meus filhos chegamos a fazer 14 barracos até chegar aonde estamos agora. Foi feito vários barracos porque teve muitos despejos. Às vezes não dava certo em um lugar e mudava de acampamento. Quando entramos para dentro do lote foi uma grande conquista, a gente fez a primeira roça, colhemos, mas eu cheguei a pensar que não seríamos assentados, quando foi em 2014 veio a portaria de assentamento, ganhamos o título da terra ano retrasado, em 2022 e hoje eu posso dizer que foi a maior conquista da minha vida. Além disso, eu consegui me aposentar com o título da terra, nessa terra já consegui ter uma pequena granja, tenho minhas plantações e agradeço a Deus todo dia.

Fale dos principais desafios do início do PDS até hoje?

Maria Eva Martins: No começo um dos maiores desafios foram os despejos. Ser escoltado pela a polícia como se nós fosse marginal e ninguém via a gente como ser humano, como se fôssemos animais selvagens ou como alguém sem valor. Um dos maiores desafios de hoje é um lugar certo para a gente vender nossas mercadorias e entregar nossas produções. A burocracia é muito grande, porque hoje eu tenho galinhas para mim entregar, como para a merenda escolar. Mas a burocracia me impede, ela é tipo uma parede de ferro que ninguém pode derrubar; é difícil pra nós! Hoje nós vendemos os nossos produtos na feira⁷; eu sou feirante com orgulho.

⁵ Muito mais que um membro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a categoria *Sem Terra* (e isso explica o nosso itálico) no discurso de dona Eva é ampla e aponta a uma forma de existência no campo. Tal categoria é herdeira direta da categoria posseiro.

⁶ Mastigado da Jumenta seria uma casa de dança, estilo forró, no Bairro Liberdade em Marabá-PA; o salão frequentemente era usado para reuniões da associação de moradores ou de camponeses.

⁷ Dona Eva, entre outras agricultoras feirantes do PDS Porto Seguro, atua em algumas feiras da cidade. Os produtos são comercializados em circuitos rápidos pois são cultivados pelas próprias feirantes. As principais feiras onde atuam as agricultoras feirantes do PDS são: a Feira da Folha 28 no Núcleo Nova Marabá, a Feira na Rua 7 de Abril na Marabá

O que significa para a senhora Agroecologia e Agricultura Familiar? E aproveite e fale um pouco do trabalho da senhora no dia a dia?

Maria Eva Martins: A agricultura familiar para mim é minha vida. Eu vim da roça e vou morrer na roça, essa agricultura é que coloca comida na mesa e sustenta a minha família. A agroecologia é também um desafio porque cada vez mais você vê o aquecimento global, eu por falta de conhecimento no passado desmatei ao redor de uma nascente e hoje ela seca. Então a agroecologia é um desafio e se eu tivesse o conhecimento que tenho hoje eu não tinha desmatado ao redor da nascente, mas estou aprendendo cada vez mais e assim estou fazendo as coisas de uma forma que não agride tanto o meio ambiente. No dia a dia, o trabalho é cuidar das galinhas e colocar comida para elas, depois ir para a roça cuidando das plantas que são as minhas produções que eu levo para a feira. Nós vive trabalhando para a feira. Meu marido e meu filho trabalham mais é na roça, no dia a dia mesmo eu trabalho em casa e na feira, assim para ganhar o dinheiro.

Quais são as práticas agroecológicas realizadas no PDS que fazem frente ao paradigma monocultor da agropecuária extensiva?

Maria Eva Martins: A gente utiliza o SAF's que é um Sistema Agroflorestal onde têm várias plantas e não mexemos com essas práticas de monoculturas. Além de preservar as matas e não utilizar os agrotóxicos que prejudicam a terra. É muito bom ver que já estamos aqui há muito tempo e ainda podemos ver a mata, e cuidando para não desmatar. Para mim é muito gratificante entrar na mata e colher as castanhas, esse fruto da mata. Hoje, para mim, aqui é o paraíso.

Conte para gente como é relação do povo do PDS Porto Seguro com a floresta, a florestania⁸?

Maria Eva Martins: Eu digo assim que a floresta é minha amiga e eu respeito ela, assim como ela me respeita eu respeito da mesma forma. Então a relação do povo com a floresta é de respeito, tentamos viver de uma forma que não prejudique a floresta que é nossa amiga. As produções do PDS são que não utilizam agrotóxicos, produzimos de forma *tradicional* e da agricultura familiar são aqueles produtos que são mais saudáveis, eu sigo o que eu aprendi com meu pai, mas aprendi algumas coisas com os meus filhos e também ensinei para eles o que eu aprendi com o meu pai, aqueles *saberes tradicionais*.

No PDS Porto Seguro se fala muito sobre a mata em pé. O que é a filosofia da mata em pé para a senhora?

Pioneira e a Feirinha do Campus III da UNIFESSPA, bem como de forma esporádica, organizam venda de produtos na UEPA (Universidade do Estado do Pará) no Núcleo Cidade Nova e no Campus Rural de Marabá-IFPA.

⁸ O termo *florestania* vem sendo gradativamente assumido por comunidades tradicionais e indica a cidadania da floresta; uma cidadania outra com parâmetros outros. *Florestania*, a cidadania da e com a floresta, aponta a um modo de ser-saber-viver político em sintonia/sintropia com a Amazônia, seus ecossistemas, suas populações e sua sócio-biodiversidade. Florestania e etnosintropia são as formas como o Grupo de Pesquisa *Saberes tradicionais e etnosintropia no Vale do Tocantins-Araguaia* (GP-SATE) do CRMB/IFPA enuncia a *cosmo-ontognosiologia* dos povos amazônidas.

Maria Eva Martins: *A filosofia da mata em pé* para mim é a preservação dessa floresta linda que traz vários benefícios como esse ar puro, entre outros benefícios que ela traz para as pessoas que moram no PDS. A mata tem o poder de acalmar, é terapia, quando fomos assentados assumimos a responsabilidade de preservar a mata.

A senhora, além do trabalho agroecológico no sítio, é feirante. Fale dessa experiência de plantar, criar e depois vender nas feiras da cidade?

Maria Eva Martins: É gratificante você chegar na feira e o pessoal pergunta assim: “você compra para revender?”. Eu respondo que não; que essa produção é do meu sítio. Eu planto, colho, crio e trago para vocês. Isso é produto da minha terra; é fruto das minhas mãos. Pra mim: eu acho que sou a mulher mais rica do mundo por ter produtos de qualidade e saudáveis.

Qual a importância da parceria do PDS com instituições como a UEPA, UNIFESSPA e o CRMB/IFPA?

Maria Eva Martins: É de grande importância, eu não tenho nem palavras, porque depois da CPT (Comissão Pastoral da Terra), o *Campus Rural* foi o primeiro a fazer parceria com o PDS Porto Seguro; o meu filho foi da primeira turma do *Campus Rural* e desse tempo para cá passei a ser uma grande amiga do *Campus*. Através do IFPA meu filho se formou e isso pra mim é uma grande alegria. A UNIFESSPA também é uma grande parceira porque nós faz feira lá dentro e assim vendemos os nossos produtos; de quinze em quinze dias estamos lá vendendo nossos produtos. Eles aceitaram nós porque nossos produtos são agroecológicos.

Como as instituições públicas de ensino superior (UEPA, UNIFESSPA e o IFPA) podem contribuir ainda mais com o PDS Porto Seguro e outros assentamentos da região?

Maria Eva Martins: Eu acho que abrindo mais as portas para os nossos filhos, porque muitas vezes os nossos filhos são discriminados por morarem na Zona Rural, porque muitas vezes acham que nossos filhos não são capazes e nós somos capazes. Nós temos força de lutar, falta mais um pouco de parceria e também poderiam trazer alguns projetos para o PDS e cursos que ajudariam bastante as pessoas que moram aqui, assim trazendo conhecimentos para as pessoas. Através de um curso que teve aqui eu aprendi a fazer geléia, licor e doce e já estou até vendendo esses produtos que eu faço, assim tendo uma renda a mais.

Com tudo que a senhora passou para conquistar sua terra, qual seria o conselho que daria para quem está querendo iniciar sua luta por um pedaço de terra?

Maria Eva Martins: Um conselho que eu daria para a pessoa que está querendo entrar nessa luta é: não desistir do que ela quer. Eu digo que desistir é para os fracos. Tem que

ter coragem, tem que ser forte para lutar, não é fácil você ver seus filhos dormindo no meio do tempo só com o plástico por cima. A primeira coisa que a pessoa deve ter é coragem e determinação, porque se não for assim não consegue.

Que mensagem a senhora gostaria de deixar para os estudantes da nossa região e do país?

Maria Eva Martins: Nunca desista do conhecimento; porque o que você aprender poderá passar para outro. O seu diploma você levará para a vida, onde você chegar você vai ter o teu conhecimento; é uma coisa que ninguém poderá tirar de você. O que eu deixo para todos os alunos é nunca desistir; batalhar sempre e terás; e, não há vitória se você não lutar. É o que eu digo: o melhor lutador é aquele que vencer a luta. A ordem é lutar e vencer, persistir e não desistir.

Dona Eva, gratidão imensa pela entrevista, enfim, por esta rica interlocução.

Maria Eva Martins: Muito obrigada a todos vocês do IFPA pela oportunidade.